

Estudo biográfico sobre o engenheiro-agronomo Joaquim Pedro d'Assunção Rasteiro

Lido pelo prof. Maria d'Azevedo Gomes, na sessão de homenagem que, em 4 de maio de 1933, o Instituto Superior de Agronomia consagrou à memória d'aquella seu antigo professor e director.

SENHOR PRESIDENTE,
MEUS COLEGAS,
SENHORAS,
SENHORES:

Depois que morreu o Prof. Rasteiro, faz hoje precisamente dois anos, é a terceira vez que se me oferece o ensejo de escrever para público a respeito desta nobre figura da agronomia portugueza. Primeiramente, no jornal da Federação dos Sindicatos Agrícolas do Centro, como que procurando traduzir o sentimento da lavoura associada, prestei à sua memória as homenagens que aquella lhe deve, como propagandista que foi, dos mais autorisados e dos mais entusiastas, das doutrinas convindo a todo o progresso agrícola e da util aproximação entre técnicos e lavradores neste paiz. Depois, para a revista "AGROS", dos estudantes desta Escola, a pedido da direcção actual, tentei recortar-lhe o perfil de professor competente, de educador e de amigo sincero dos seus alunos. Agora, nesta mesma sala onde, pela ultima vez, na abertura solene de 1930, poudes a sua voz ser atentamente escutada ao relatar, na presença do Govêrno, as vicissitudes da administração que fizera como director do Instituto, agora, é ao encargo do Conselho Escolar que devo a palavra, pretendendo-se naturalmente de mim que abrace num golpe de vista, quanto possivel certo, toda a vida profissional do nosso falecido colega, lhe defina as características que melhor o evidenciaram na classe, enumere os serviços mais assinalados da sua carreira prestimosa, na maior parte absorvida pelo ensino agro-

nomico. e que forneça, emfim, a quantos se reuniram para esta homenagem ou o grato ensejo de recordar, com uma insistencia que não cansa, aquele que muito estimámos, ou ainda, para os mais novos desta assembleia, a simples oportunidade para a eclosão do seu apreço postumo — já que a esses lhes não foi dado conhecer, infelizmente, o obreiro digno da obra util cuja resenha me incumbiram de fazer aqui.

Quando um trabalhador da familia intellectual adquire desde cêdo o habito, numa profissão que requiere largo contacto com o publico como é a nossa, de registar, por meio de escritos de vária indole, os passos principais a que o destino o conduz pela estrada da vida, e quando esse trabalhador sabe, ao mesmo tempo, imprimir em quanto escreve a nota duma sinceridade perfeita, vibração impressionante que dimana da sua dedicação e do seu continuado esforço, não há mais do que dispôr-se a gente a um exame consciencioso daquilo que ele foi, ano a ano, pacientemente publicando, quando é chegado o momento de sopezar que vantagens, ensinamentos ou estímulos hajam sido os que à sua actividade ficámos devendo.

Isto succede com Joaquim Rasteiro; agronomo e professor pelo espaço de quarenta anos, quasi interruptamente escreve; espirito reflexivo por excelencia, maduramente pensa aquilo que nos transmite; e estruturalmente probo, e incapaz de todo o artificio, são a sua alma e o seu coração que deste modo se descobrem deante de nós.

Mais não é preciso do que lê-lo para conhecer-lhe a vida profissional... e o character; quasi me limitarei por isso a apreciar-lhe a bibliografia extensa e assim invocarei, entretecendo o meu exame das recordações que venham a proposito, o quadro do seu labor técnico, que o apego ao estudo, o amôr à terra e o cullo da profissão iluminaram de uma claridade intensa; e assim invocarei tambem para aqueles que só por tradição o conhecem, os traços que lhe definiram mais vincadamente a distinta personalidade.

Foi em 1892, com 26 anos incompletos, que se diplomou este agronomo, defendendo na frente dos mestres de que são vivos apenas dois, Pereira Coutinho e Rebelo da Silva,— e aos quais por sinal dedicou e a seus Pais este primeiro trabalho — a tese intitulada "Esboço de uma memoria sobre a economia agricola da 4.^a região agronomica.". Em relativo contraste com o seu passado academico, pouco brilhante, esta saída do Instituto assinala-a Rasteiro com elevada classificação, a marcar-lhe um nivel inicial que nunca mais deixariam que baixasse,

com o rodar do tempo, o seu esforço e o seu brio, antes o elevando gradual e seguramente em consideração e em prestígio perante o paiz agrícola, perante a escola e perante a classe.

Surpreendem naquele trabalho escolar, ainda mesmo quando descontemos nele a idade do autor, passados os 25, a profundeza do estudo, a rectidão dos juizos e o equilibrio dos conceitos, ao serem encarados aspectos fundamentais da nossa economia rural: traduz hábitos de reflexão metódica, qualidades natas de ponderação e bom senso, compensadoras da minguada experiência, e, característica que não faltará jámais nas obras que este mesmo nome firme, da primeira à última página respira íntima admiração pela labuta dos campos, carinhosamente descrita, simpatia íntima pela gente rude que a essa labuta se entrega de sol a sol, e um desejo veemente de concorrer para que seja mais feliz o agrícola portuguez, e mais prospera e digna a nação que nesse agrícola tem o seu esteio mais forte.

Mais surpreende ainda neste primeiro livro, para o momento em que foi composto, a perfeita noção das necessidades da agronomia portugueza no campo da investigação: «é somente sobre bases solidas e seguras — lê-se aqui — que se fundam os grandes edificios, tanto architectonicos como industriais»; aquele que havia de tentar vinte anos mais tarde, com a generosa criação de estações agrárias, assentar em normas, de uma eficiencia hoje indiscutível, o esforço dos agronomos que servem o Estado, afirmava assim, desde os primeiros passos profissionais, uma visão segura e o apêgo a directrizes técnicas às quais soube manter-se fiel em toda a sua vida.

Tambem a linguagem desta primeira obra merece referencia especial; as qualidades de escritor que dão a Joaquim Rasteiro um dos primeiros logares entre os nossos publicistas da agronomia e da agricultura, estão por igual aqui bem patentes, dom natural que pouco teve que aperfeiçoar-se com a escola do tempo, mas que certamente um convívio desde cedo com os mestres da lingua, os seus estimados classicos entre outros, guiou no caminho da simplicidade, do adequado da expressão e do ressaibo popular que de algum modo caracterisam os seus vários escritos.

Obtida a carta, inicia o novo diplomado sem perda de tempo a sua carreira, entrando no mesmo ano para o serviço do Estado, com um curto estágio laboratorial em Lisboa. Vai agora desentolar-se para ele, durante alguns anos, uma primeira fase da vida profissional que poderei designar pela fase do agronomo de campo e do agricultor; a esta seguir-se-hão mais três: a fase, curta e atribulada, do organizador

de serviços; a fase do professor; por ultimo a fase do *mestre* que culmina pela sua elevação a director do Instituto.

Os anos de 1906, 1913, 1926, por fim 1931, marcam a terminação no tempo de cada uma destas quatro modalidades.

A respectiva caracterização apparecer-nos-há, como disse, com o exame da obra feita.

O primeiro contacto agronomico com a vida do campo quer o destino que venha a lê-lo Joaquim Rasteiro em região muito distante e diversa da sua propria região de entre Tejo e Sado que muito bem conhecia; pois é como agronomo do districto de Bragança que faz a sua estreia, nos ullimos dias de dezembro do proprio ano da formatura. Era assim, e assim continuou sendo largo tempo, o criterio distributivo da assistencia técnica: às cegas e a lanço, na pouco produtiva sementeira dos agronomos distritais. Faceis de prever, em consequencia, os embaraços, as incertezas e indecisões que assaltavam o novato, recém-chegado a um meio de tendencia hostil que, na maioria dos casos, desconhecia. Desta situação nos dá Rasteiro, com aquella franqueza de sempre, uma curiosa nola quando no elogio postumo de Menezes Pimentel, de quem foi grande amigo, descreve a sua chegada a Mirandela, entre acanhado e ancioso de bem servir, e recebe no acolhimento rasgado daquele colega transmontano, que dirigia a Estação Sericicola, os alentos que, mais feliz que outros, sem demora lhe permitiam firmar o passo na jornada difficil. Esta espécie de frio interior, mixto de receio e de tristeza, que perante o desconhecido nos invade ao deixarmos para traz, casa, parentes e amigos, sob o pezo de severas responsabilidades, quem há que o não lenha experimentado em circumstancias semelhantes, no momento da iniciação profissional? Para a fina sensibilidade deste homem foi o passo tão fortemente impressionante que não mais o esqueceu e, no intuito de fortalecer o animo dos discipulos entregues à sua guarda, a ele tornará a referir-se, anos volvidos, numa das lições de abertura da sua cadeira, solicito em precaver os novos contra os precalços da propria novidade.

Problemas que trazia em estudo na sua querida terra de Azeitão transportou-os, num apreciável espirito de sequencia, Joaquim Rasteiro para o quadro das suas novas occupações; a colaboração que ao tempo dava às revistas "Portugal Agricola," e "Vinha Portuguesa, regista trabalhos seus sobre o emprego das leveduras seleccionadas na vinificação, cabendo-lhe — di-lo o director da segunda daquelas revistas — a prioridade de tais estudos entre nós; é assunto que durante anos o interessa, que depois continua tratando na Escola de Torres e de que por fim dá

conta em conferência, a primeira que fez, em 1900, na então Real Associação Central da Agricultura Portuguesa.

Em 1894 o agronomo do districto de Bragança passava à estação químico-agricola de Lisboa; curta havia sido a estadia na terra transmontana; e em 1896 é-lhe confiada a Direcção da Escola de Viticultura Ferreira Lapa e aqui se demorou dois anos mais. Infere-se que nesta primeira quadra da vida a predilecção do técnico iria para a viticultura e o fabrico do vinho, não sendo difficil encontrar a razão do facto na influencia, que foi sempre forte nêle, do torrão em que nascera, região privilegiada que nos afamados moscateis conta um dos seus títulos de justificado orgulho.

Naquella Escola continua estudando e experimentando de sua conta; as revistas citadas e ainda o «Arquivo Rural» accusam este trabalho; referem, por exemplo, ensaios sobre os efeitos da desparra.

* * *

Entretanto «o curriculum vitæ» official sofre, chegado o ano de 99, um colapso um tanto inesperado; com demora até 1906 acolhe-se agora Rasteiro à licença ilimitada e, penso eu, são os negocios da sua casa agricola que antes o preocupam e o veem colocar na posição mais alta de agricultor. Um agricultor, porém, que não esquece o seu diploma nem a missão social que lhe pertence; na região como fóra dela, aqui na capital, participando da vida associativa, da Associação Central à Sociedade das Sciencias Agronomicas, a sua actividade não esmorece e vai-lhe grangeando fóros de propagandista de merito, como poucos consciencioso e habil em fazer-se escutar, convencendo. Na «Revista Agronomica», órgão daquela sociedade, a sua colaboração é frequente neste tempo. E sem descurar os assuntos cenologicos vêmo-lo que se inclina agora, para o estudo dos lacticínios; e ainda aqui a região, que é multimoda como raras nas formas da produção, pode ter influido.

Por isso, quando em 1905 reúne em Lisboa o Congresso de Leitaria, Olivicultura e Industrias do Azeite, grande parada de forças da agronomia nacional, é-lhe confiada a missão de relatar a tese sobre o «Fabrico e Comércio do Queijo em Portugal», para cuja realização procura rodear-se dos mais seguros elementos de informação, colhidos directamente na origem em boa parte. A necessidade de assentarmos em tipos definidos de queijos, com a introdução no mercado de alguns de pasta dura ou firme, o papel decisivo da associação no melhoramento do fabrico, e sempre a questão basilar da indispensabilidade de

estudos técnicos empreendidos, com seriedade e competência, tais são as deduções essenciais deste trabalho, às quais — quanto custa dizê-lo — um quarto de século decorrido não lográmos ainda dar resposta que nos baste!

Por ventura os contactos deste Congresso, o choque de ideias e o encontro de pessoas, reacordaram o agronomo licenciado para a vida profissional; se assim foi, em boa hora o fizeram! Certo é que em 1906 Rasteiro requeria como candidato ao concurso de chefe de serviço do nosso Instituto, aqui entrando em 1907, com o seu passo seguro e cadenciado, e o aprumo invulgar da sua figura física, inteiramente em acordo com esse outro aprumo da sua bela figura moral.

Atingira então os quarenta anos de idade; daqui à sua morte medeiam 24, e destes pôde dizer-se que não menos de 20 vão ser consagrados à Escola e ao ensino.

Todavia quizeram as circunstâncias que fôsem os primeiros anos escolares os de menor assiduidade e rendimento; forças estranhas o solicitaram e foi fóra da Escola que desenvolveu uma actividade intensa, caracterizando a segunda fase do seu labor, quadra verdadeiramente acidentada para quem, por natureza, mais aspirava ao trabalho calmo e correntio.

Logo em 1908 participa de uma missão de estudo à Ilha da Madeira, destinada a propôr soluções para a impertinente questão do regime sacarino; dedica-se com vontade ao exame do problema, ganha sobre ele opinião bem assente e daí em diante quando este assunto volta, intermitentemente e segundo os ventos sopram, a preocupar os Governos, raro o seu parecer deixa de ser ouvido; tal a confiança que mereceram neste caso, e aliás como em tantos outros, as suas averiguações, a sua isenção e o seu bom senso.

No mesmo ano inclui a obra "Notas sobre Portugal," com que o país se representou dignamente na exposição do Brazil, colaboração sua, no artigo intitulado a "Industria Leiteira,,"; esta colaboração é a consequencia lógica da acção exercida no Congresso de Leitaria.

Os anos seguintes, de 1909 e 1910, revelam nos escritos de Rasteiro preocupações as mais elevadas; agita-se por então a ideia de Congressos Nacionais; promove-os a Liga Naval a que preside, valorizando-a, o nobre espirito de Jacinto Candido da Silva. A Real Associação Central da Agricultura encarrega-se de relatar, para o Congresso de 1909, a tese "O estado da Agricultura Portuguesa — Males e Remedios"; e é o agronomo Joaquim Rasteiro o seu relator. O estudioso e o patriota vão agora dar-se as mãos no desejo de im-

primir na indústria pública nacional, a partir da agricultura e, ajudando o Estado, aquelas características de progresso e de bem estar generalizado que já a sua tese escolar entrevia possíveis, tão possíveis como justas e necessárias.

Diz-se na tese do Congresso: "A vida portuguesa resume-se por assim dizer na vida rural; a questão financeira, a questão social, a questão política até, são no fundo elementos de um só corpo, são ramadas de um tronco comum e basilar — a questão agrária. E nas condições desta questão agrária é que se filia o estado da agricultura, que delas directamente depende."

Depois, criticando, quando enumera os males, o nosso sistema protectorista de curta visão, escreve o relator: "as leis protectoras promulgadas para acudir a uma crise accidental são isoladas e terminais, de modo que a satisfação dos contemplados faz esquecer o fundo da questão, ficando por estudar as causas do facto, só oportunamente debeladas, o que dá ocasião à sua existencia latente, em geral com desequilíbrio doutros ramos da exploração.". E referindo-se ao urbanismo acrescenta "... este urbanismo exagerado tem entre nós, além das causas comuns ao facto, a da orientação dada à educação portuguesa, a qual mais prepara o individuo para uma vida de ostentação e de idealismo, do que para um fim pratico, um trabalho positivo e sobretudo um fim social.". Sublinho o termo desta frase: está aqui, quando nos restringimos à classe dos técnicos superiores, o tema da conferencia que realizei no passado ano; as ideias não envelheceram e parece que era realmente justa aquella visão: mas parece também que a propaganda foi esteril, mau grado o valor do propagandista; caíra-lhe a semente em terra muito crua!

Aos males opõem-se os remedios; entre estes, figura na tese mais uma vez a investigação agronomica, a impulsionar com decisão, a divulgação do ensino, a criação de um Ministério *em que a agricultura tenha o logar que lhe pertence*, a adopção de medidas de assistência ao operário, na infancia, durante o trabalho e a doença. Figura ainda, assunto versado em conferencia de propaganda do Congresso feita na Liga Naval, a defeza da reforma do sistema da contribuição predial rustica, adoptando Rasteiro com entusiasmo a formula de Bazílio Teles: "deve o imposto constar de duas taxas, uma fixa, em relação com a extensão territorial, outra variável na dependencia da intensidade e da utilidade da cultura, e inversamente proporcional, em cada caso, ao valor respectivo de um e outro destes dois indices de progresso. Esta defeza mantem-se em escritos muito posteriores; na confe-

rencia de expansão universitária, realizada em 1926 no Instituto Botânico de Coimbra, ei-la que ressurge e nos mais incisivos termos: "é preciso adotar um conceito do imposto diverso do actual; este é selvagem e cego; o outro... seria civilizado e com vista,,.

Levar-me-iam longe as citações: julgo haver transcrito o bastante para dar a ideia de que a Associação entregára em boas mãos a these que lhe era propria e de que esta, quando não tenha tido outra utilidade, serviu pelo menos para que Joaquim Rasteiro afirmasse, além do restricto campo técnico e acima das suas preocupações habituais, uma capacidade de visão politica elevada e uma notável percepção das nossas mais instantes necessidades, ambas podendo conduzi-lo a ser um lucido realisador no capitulo das reformas, no dia em que surgisse a respectiva oportunidade.

* * *

Ora quizeram ainda as circunstancias que essa oportunidade em breve lhe fôsse parcialmente oferecida. Com a implantação da Republica era aposentado o Director Geral da Agricultura, agronomo Alfredo Carlos Lecoq, substituindo-o Rasteiro nestas elevadas funções: ainda em 1910. Acertada escolha para o regime que precisava distinguir-se à nascença pela rigorosa selecção dos seus mais altos funcionários, aos quais se exigia revolucionassem os processos da velha administração burocratica. Acertada escolha, valendo só por si como indicação das qualidades do Ministro que a fizera, tão certo é que um dos primeiros requisitos do estadista *consistiu sempre em saber ele rodear-se, para os postos de comando, de gente prestigiosa e competente!* No caso sujeito este prestígio e esta competencia vinham de afirmar-se: a sucessão dos termos, diga-se, era logica; o novo Director Geral encelára, à margem da vida escolar, estudos sérios sobre problemas gerais da economia agricola, a si mesmo se cultivára e completára, e a prova de que abundava em recursos, em planos e ideias definidas, estava afinal precisamente na aceitação que fizera do alto cargo. Porque a este homem o não iludia a consciencia, juiz severissimo; quando houvesse de aceder a um convite para servir, honrá-lo-ia sempre. E assim sucedeu, de facto, mais uma vez aqui.

A administração de Joaquim Rasteiro na Direcção Geral, donde então se abarcava tudo quanto respeitasse a serviços técnicos de natureza agricola, caracterizou-se pelo seu dinamismo, pelos propositos de reorganização e pelo prestígio de que foi cercado os vários agentes em trabalho, empenhado em pôr sempre cada um deles no lugar mais

próprio. O momento era azado e soube aproveitá-lo bem; o Ministro do Fomento, Dr. Brito Camacho, deixou o seu nome ligado a medidas de largo alcance, das quais destacarei a do Crédito Agrícola Mútuo; o Director Geral, esse, ajudou desde logo a consolidar a posição do ensino agronómico que foi remodelado, passando a Tapada da Ajuda à posse do Instituto, um acontecimento de valor evidente; emprehendeu revigorar o ensino médio e, dentro dele, veio dar à Escola de Coimbra a possibilidade organica de constituir-se num forte centro de educação, destinado a ganhar para a causa da lavoura, *que é a propria causa da grey*, os filhos dos agricultores da média e da grande propriedade. Havia nesta reforma de 1911 um espirito novo, declarava-se guerra ao funcionalismo do Estado, e no campo da pedagogia, procurava adaptar-se a este caso concreto, podendo vir a pesar com o tempo na vida nacional, aquilo que de melhor nos ensinavam a prática e o estudo alheios. Os frutos do empreendimento foram escassos; a própria organização perdeu terreno; entretanto a ideia era elevada e nobremente revolucionária.

Criaram-se ao mesmo tempo escolas elementares e o Ministerio faz menção de ocupar-se tambem do ensino primário rural, o que aliás não consegue; a escola do campo continua sendo hoje, como se sabe, incaracteristica e por isso não é o professor primário entre nós o importante elemento de progresso agrícola, que usa ser em paizes mais adiantados que o nosso.

As reformas que vão saindo para o "Diário do Govêrno", numa azáfama cheia de boa vontade, começam neste departamento pelo ensino: honrava assim Rasteiro os seus compromissos de relator ao Congresso Nacional, dando uma importancia maxima à função docente. Segue-se a obra de vulto da reorganização dos serviços técnicos e ainda aqui, pela escala dos valores, a ideia dominante é marchar de encontro ao essencial, procurando que se instale em bases solidas a tarefa da investigação. Importantes diplomas organicos e regulamentares são então elaborados, entre 1911 e 1912, sobre o funcionamento das estações agrárias das quais se fazia depender, praticamente, toda a actividade do Ministerio, quando colocado em face dos problemas prendendo com a agricultura. *Estudar o país agrícola, estudá-lo exhaustivamente, conhecê-lo na sua intimidade de modo a fazer-se em Portugal agronomia portugueza, eis as directrizes e o pensamento maximo*; e ao mesmo tempo fazer com que este estudo viva paredes meias com a escola, a penetre, a estimule, a vivifique, de maneira a que pelas suas portas breve possam sahir, em enxame promi-

lente, os divulgadores da nova sciencia e os propagandistas da bôa doutrina. Ensino e investigação ligados, fazendo causa comum; assim se pensava então e assim se praticou depois; até que, em dia nefasto, num acto de mutilação que nunca a voz daquêle que estou aqui evocando deixaria de censurar depois, ainda mesmo nos actos mais solenes, o Ministério da Agricultura veio a perder as suas escolas dos vários grâus. Tempo andado, perderia alguma coisa mais o malfadado: a propria vida, erradamente sacrificado agora à ideia util da unidade de orientação economica, pois que esta não obriga, em meu conceito, à unidade na direcção administrativa nem a uma concentração funcional que redundará, cêdo ou tarde, em prejuizo de serviços essenciaes.

O trabalho do Director Geral para a elaboração daqueles diplomas foi intensissimo, e poderosamente o ajudou então, dedicando-se-lhe com entusiasmo, na dupla qualidade de colega e amigo, Menezes Pimentel; tão intenso o labor daquela quadra que deixou por algum tempo traços na saude física do trabalhador. Peores traços, porém, e mais indeleveis, havia de deixar-lhe na saude moral a circumstancia em breve verificada, — foi isto em 1913 — de cair por terra a organização architectada com lamanha bôa vontade e tanto esforço, na ancía de bem servir.

Mal compreendido, desajudado por aqueles mesmos a quem cumpria firmar-lhe o passo, não poude Rasteiro fazer com que vingasse a iniciativa das suas estações agrárias; por ventura, os planos destas eram grandiosos em demasia e com vantagem podiam suprimir-se nas atribuições respectivas certas modalidades; mas a ideia base era e é a unica defensavel; e todavia foi preciso esperar mais 10 anos para que surgisse a ocasião de se lhe dar, apenas, um principio de cumprimento pela criação em 1923 da Estação Agrária Central, essa Estação que aos baldões da sorte vem vivendo até hoje... principalmente porque a faz leimar a bôa vontade de alguns no proposito heroico... de não morrer!

A derrocada da organização coincide com o pedido de demissão do organisador, e nesse mesmo ano de 1913 Joaquim Rasteiro abandona a Direcção Geral e regressa ao Instituto, onde entretanto houvera o ensejo da sua promoção de chefe de serviço a professor desde 1912, passando rápidamente da cadeira de Geografia Economica à de Economia Rural e desta à de Arboricultura, na qual logo se fixou e veio depois a fazer-se mestre.

Reentrava na Escola tranquilo de consciencia como sempre, mas

um tanto cansado e desiludido; se ousou dizê-lo, não era a combatividade a característica do seu temperamento; tomar a ofensiva, como por vezes é preciso, repugnar-lhe-ia; e pois que mostrára o caminho a trilhar sem que houvessem querido seguir por ele, recolher-se-ia ao silencio, apenas desabafando de quando em longe a sua magua, pelo tempo que perdera e pelo bem que não pudéra fazer. Deste desabafo é testemunha certa passagem da conferencia que, a pedido dos estudantes de agronomia, realisou em 1914, numa das salas lão suas conhecidas da Associação Central. Versava o thema do ensino agrícola feminino, de cujo desenvolvimto à semelhança do que tem sucedido fóra, um pouco por toda a parte, fiava a aquisição de reais progressos em a nossa vida rural, afirmando: «é a mulher convenientemente educada que há de fazer o ressurgimto da vida familiar, que é a base de toda a vida social e de toda a actividade economica verdadeiramente productora,»: e como nas bases da sua organização de 1911 havia referencia a este ensino e também à modalidade designada popular, para os adultos, desta sorte se lamentou Rasteiro, usando de um estilo pitoresco que era muito seu: "o ensino popular este, é claro, morreu no mesmo dia e hora do ensino agrícola feminino. E o que é singular: foram ambos de palmito e capela, não lhes faltando os responsos cantados por numerosa confraria!" Assim se referia, com bom humor onde outros poriam a invecliva feroz, à votação adversa que o Parlamento fizera da reforma.

Aquele ensino agrícola feminino, que tanto defendia, só, tambem muitos anos depois foi possível dar principio com a Escola Vieira Natividade, de Alcobaça; parece porém que nasceu em má hora; ou talvez segundo outros, cêdo ainda de mais; certo é que levou sumiço; até que haja, em dia de claro sol, o ensejo... de recommear!

* * *

Temos portanto agora, voltando à resenha biográfica, Joaquim Rasteiro, na terceira fase da sua vida, aquela que designei a fase professoral.

Do ensino da sua cadeira vai ocupar-se sem mais demora e sem desfalecimentos; o que lá vai, lá vai e para o Instituto voltará suas atenções e seus disvelos, absorvido pela tarefa quotidiana como sempre.

Raras manifestações extra-escolares são enlão de registar; assinalo entre as mais importantes a participação como delegado do Governo e da Associação Central, respectivamente nos IV e V Congressos Internacionais de Orizicultura, de Vercelli e de Valencia, ao primeiro

dos quais apresentou, sendo ainda director geral, memoria cuja preparação deu lugar a um estudo muito elucidativo sobre as vicissitudes da cultura do arroz entre nós. Agora quebra lanças por esta outra dama — a orizicultura — que tem contra si os higienistas officiais do tempo, defendendo ele a doutrina da compatibilidade entre a hygiene e a boa cultura, doutrina que hoje tende enfim a dominar, embora com certo custo. O fomento da orizicultura justifica-o com a mira em obtermos para o consumo da população dos nossos campos um sustento barato, impressionado com a pobreza e o mau equilibrio que são gerais na alimentação respectiva.

Eis aqui mais uma verdade que não pode ser occultada e que é bem digna da meditação dos competentes!

É tambem nesta época, 1916, que traça a sua pena algumas das melhores páginas que lhe ficámos devendo, ao escrever o elogio histórico de Menezes Pimentel, lido na Associação dos agronomos portugueses em a noite de dez de Abril, páginas que o seu coração ditou e nas quais há, como mostrarei ainda, material abundante podendo servir para o recorte do proprio perfil.

Entretanto, para a Escola, produzia-se o grande acontecimento da inauguração da sua nova sede, em 1917: abre esta casa as suas portas e abre-as confiada em que vejam melhor agora o nosso Instituto, melhor o compreendam e, por isso mesmo, o respeitem e ajudem a viver a vida honrada e util à qual, pelo compromisso de todos nós, professores, ele se propõe.

Deste compromisso participa o Professor Rasteiro com todas as forças do seu entusiasmo, comedido, sobrio em expandir-se, mas confiante, como aqueles que o são, na excelencia do nosso apostolado e consciente tambem, como nenhum mais, das responsabilidades que pezam sobre nós, herdeiros da tradição de trabalho e de luta que os fundadores da agronomia portugueza nos legaram.

E é assim que nesse ano festivo de 1917, ao abrir das aulas, Rasteiro é designado — missão que significa, dado o momento, distincção muito especial — para pronunciar, ao modo universitario, a «Oração de Sapiencia», trabalho escolar de relêvo com que foi, pois, inaugurada, vai para 16, anos pode bem dizer-se com chave d'ouro, esta mesma sala dos nossos actos solenes.

Trabalho de relêvo chamei à sua Oração: vazada nos moldes classicos, é um lucido inventario da evolução da complexa sciencia agronomica, o qual permite ao seu espirito mais uma prova da elevada cultura que o distingue: demora-se analisando o estado actual dos

conhecimentos e mostrando em que estreita dependência vive a agricultura moderna da investigação científica e da técnica que da mesma decorre. "Uma agricultura adeantada é uma agricultura servida pela, sciencia" eis o thema cujo desenvolvimenta feito então continua tendo entre nós, uma oportunidade flagrante.

A este discurso deu o Prof. Rasteiro um inesperado fecho que, não haverão esquecido aqueles que o ouviram então. Cito-o aqui como prova de uma característica ainda não apontada da sua personalidade, a feição artística, superior ao simples, embora raro, bom gosto.

Organização ricamente dotada era a sua que lhe permitia não só vibrar intensamente perante a beleza, mas de certo modo criá-la por suas próprias mãos.

Tornava-se necessário dar a nota do interesse com que a nossa escola vinha olhando, ao lado do ensino metropolitano, o ensino agronomico colonial, por isso que na verdade aos filhos desta casa os espera sempre a vastidão das terras do alem-mar portuguez, onde infelizmente — diga-se de passagem — a nossa administração não soube ainda implantar aquelas condições que assegurem uma assistência agronomica conveniente. Havia assim o pretexto para uma destas tiradas grandiloquentes, ressuscitando mais uma vez o Albuquerque e o Gama, tiradas que estão ainda bastante na moda: preferiu porém Rasteiro expressar-se desta sorte, com bela simplicidade: "O estudo da nossa terra e dos nossos problemas economicos tem de transpôr as ourelas do continente e trilhar os territorios longínquos dalém-mar. A quem queira injustamente motejar da nossa pequenez europeia, poderemos responder como D. Francisco da Silveira ao imponente Carlos V: "Conde se se levantar uma lebre em charnecas de Portugal, aonde é que a vão matar? Sabeis responder?," "Sei, meu Senhor: vão matá-la à India, que é daqui a 5.000 leguas, l

Mal apagados os écos da festa — foi tambem nesse dia que se inaugurou o busto de Ferreira Lapa — deita-se a Escola ao trabalho, numa efervescência de bom agouro. Instalam-se os primeiros laboratorios e preparam-se os campos. Participam os alunos do entusiasmo dos professores. Nasce o «AGROS», a revista académica que tem logrado manter-se, atravez inumeras dificuldades, e abrange já agora um bom numero de gerações de estudantes. O Prof. Rasteiro colabora na revista desde o seu primeiro numero, saudando a iniciativa e vê-se bem... como está contente com os rapazes! Aqui nestas páginas modestas arquivará ele uma parte valiosa do seu trabalho escolar, desde as preleções inaugurais da cadeira, publicadas em seis anos, entre 1920 e 27

até à sua ultima conferencia de 1930, que os estudantes promoveram, e versou "sobre a evolução da Poda através as idades e o conceito contemporaneo desta operação cultural.". Aquelas preleções são no fundo conversa amena com que prepara os discipulos para o futuro, os incita ao trabalho e os compenetra da grandeza da missão que, saídos da escola, os espera. E é o educador que, assim, se afirma.

Para o ensino da cadeira vai carreando materiais, reagindo como pode contra a pobreza das dotações que a todos aflige e que de nós todos faz, quere queiramos quere não, franciscanos praticantes. Labuta por instalar o seu pomar experimental, organisando à medida dos recursos as respectivas colecções, prepara aos alunos um ambiente de trabalhos de applicação que vai lentamente melhorando, exulta de satisfação ao conseguir um dia a pequena e regateada verba com que constroe o seu sonhado madureiro e, como obra de coroamento, consegue enfim que a investigação penetre os humbrais do seu pequeno laboratório, com pesquisas sobre as fruteiras portuguezas, evolução dos gomos, caracterização dos frutos, histologia e biometria applicadas. Os seus assistentes são neste campo os seus mais devotados auxiliares, Costa Lima primeiro, Alvaro Bobone depois; deles faz em breve amigos dedicados. É assim a sua influencia; na bôa sombra que projecta as melhores virtudes se expandem; o amôr ao trabalho, a probidade, a modestia e a cautela necessária ao caminheiro.

As suas lições, de principio com a designação simples de apontamentos, estudantes das gerações que se sucedem as vão compilando e por fim dando à estampa, com o seu consentimento; são as folhas de arboricultura e de horticultura, tambem as de viticultura, do tempo em que no Instituto se ocupava da vinha e do pomar uma só cadeira.

Vão-se sucedendo algumas edições, bem entendido com tiragem resumidissima, que revelam o desejo de progresso incessante que anima o professor. Que ele bem sabe o que essencialmente lhe falta; o apoio, em muitos casos, das averiguações feitas na propria casa, para cotejar com as da casa alheia, à qual as circunstancias desfavoráveis à investigação scientifica em Portugal nos trazem constantemente sujeitos! A pesquisa, o criterioso exame desse imenso trabalho exterior, preparam nas suas lições, fortemente documentadas; a edição das folhas de arboricultura de 1926-1927 corresponde já a um grosso volume de cerca de 760 páginas de texto, desenvolvendo em especial, em face das edições anteriores, a ecologia da árvore de fruto e o exame do processo biológico da maturação. De mais, diz Rasteiro, destas mesmas folhas que elas são indice das materias a versar, dão o método da sua se-

quência, são guia de estudo e não compêndio acabado„. Este compêndio acabá-lo-ia — tudo leva a crê-lo — quando as investigações em curso, dentro e fóra da escola, produzissem seus frutos, e à medida que a arboricultura nacional fosse assim libertando-se das várias incógnitas que a afligem ainda. Certo, nome mais autorizado que o seu para essa obra definitiva — passe o termo, embora pouco apropriado ao labor científico — não podia entre nós encontrar-se.

Destaca o professor de arboricultura desde 1924, dos seus estudos, aqueles que dizem respeito à oliveira e sua cultura, tão estreitamente fundidas uma e outra com o torrão portuguez, que dele bem póde dizer-se que fazem parte integrante. No VII Congresso de Olivicultura, reunido nesse ano em Sevilha, comparece como delegado do nosso Govêrno e da missão se desempenha com lustre para o paiz e para o seu nome, que tambem os de fóra se vão habituando a respeitar, nesses pequenos meios bem seleccionados que usam ser as assembleias científicas internacionais.

Não fóra admitida no Congresso como official a lingua portugueza o que valeu respeitoso mas altivo protesto do nosso delegado-chefe; na sessão de encerramento, dirigindo-se ao primogenito do Rei de Espanha que presidia, ao mesmo tempo que lhe endereçava as saudações dos portuguezes, foi dizendo o Prof. Rasteiro “que não havia sido o seu idioma admitido neste Congresso sem embargo dele interessar em grau igual a Portugal e a todos os de mais paizes latinos ali representados; que esta sessão solene, porém, já não era uma de trabalho... e por isso falava em portuguez porque em nenhuma outra lingua poderia traduzir melhor os seus sentimentos de apreço pelo que vira e aprendera». De luva branca a lição ficava dada, e era tudo quanto podia desejar a corda patriótica pois que, no mais, a delegação portugueza havia sido rodeada de todas as atenções por parte dos espanhois, que inclusivamente a Portugal tinham enviado um delegado seu para tratar da nossa representação condigna. Deste Congresso saíu a constituição de uma Comissão Internacional destinada ao estudo das variedades de oliveiras cultivadas nos diversos paizes, devendo assentar, antes de tudo, nos métodos para a respectiva caracterização. Desta comissão faz Rasteiro parte pelo nosso paiz, como é lógico, e de regresso a Portugal, logo se dispõe a trabalhar na preparação do material de estudo que o habilita a enviar uma contribuição sobre a biometria das azeitonas de diversas castas ao proximo Congresso, marcado para Roma em 1926.

A esta nova assembleia vai tambem como delegado do Govêrno

portuguez e um desenvolvido relato da sua missao é entregue pouco depois, no Ministerio da Agricultura, com pontualidade notavel, relato que vem publicado no Boletim respectivo de 1927. Desde a viagem, usando do seu forte poder descritivo (como já o fizera para a visita à região de Valencia) até à critica das teses apresentadas, tudo neste trabalho confirma uma atençaõ sempre desperta e um saber que, de dia para dia, se consolida no estudo e na experiencia.

* . *

Neste ano de 1926 deve Joaquim Rasteiro ter atingido talvez um maximo de productividade, tantos foram os documentos que deixou do seu labor técnico e scientifico com essa data. De facto, além da participação no Congresso de Roma que acabo de referir, realisa então a já citada conferencia de expansãõ universitária no Instituto Botanico de Coimbra em que versa o problema do fomento da nossa fruticultura, e prepara para o 2.º Congresso Pomologico de Alcobaça as duas teses sobre "a terminologia portugueza das diversas partes e orgãos da arvore de fruto e das diversas operações culturais que lhe respeitam", leses cuja defeza oportunamente faz com impressionante autoridade. A todas as sessões do Congresso foi presente, intervindo nas discussões com bonhomia não isenta de firmeza e, creio bem, que para os raros especialistas adrede reunidos safu dali eleito por unanimidade como o primeiro de entre todos.

Esta grande produçãõ a que aludo é tanto mais para assinalar num homem cuja maneira de ser e cujo método tornavam incapaz de abordar dois assuntos ao mesmo tempo, na obrigaçãõ a que sempre se sujeitava de ser profundo, exhaustivo, perfeito quanto pudesse, na obra a realizar. Na curiosa estratificaçãõ da sua meza de trabalho, em épocas de maior azáfama, entre livros, folhetos, revistas, não logriariamos notar, por isso mesmo, falhas, penetrações bruscas, desordem nos estratos em suma: os depositos formavam ao contrário, um a um e para sempre, camada espessa e unida, sem mistura. E, para que do exame assim profundo, e por cada vez restrito, a que se votava, para os factos e para as doutrinas, pudesse realmente resultar, como resultou, em relaçaõ ao tempo obra quantiosa, uma grande tenacidade, uma perfeita arrumaçãõ nas idéias e nas coisas e um integral aproveitamento do tempo, haviam ter sido necessários. E, na verdade, tais caracteristicas as pode observar qualquer que haja acompanhado o Prof. Rasteiro no trabalho que respeita a este periodo, muito fértil, da sua vida profissional.

Nesta haverei já agora que destacar esse 2.º Congresso Nacional de Pomologia, reunido em Alcobaça no verão de 1926, porquanto, no meu conceito, é de roda da actividade especial que Joaquim Rasteiro desenvolve e faz desenvolver aos outros, para a preparação e para a realização deste importante successo, que vai desenhar-se a nova e última fase em que póde ainda surpreendê-lo, pelo espaço de 5 anos mais, o nosso exame, a fase que designei a do "Mestre".!

Eis aqui um titulo e uma categoria que não têm fóros officiais, não pertence às organizações, não vem no "Diário",..., onde, allás, muito bôa gente julga que encontra, só com a nomeação para os lugares, a competencia total para exercê-los: um titulo e uma categoria que raros usufruem, aqueles apenas que souberam, ensinando e exemplificando, fazer discipulos e dêstes mesmos recebem, como de filhos seus espirituais, o tratamento que envolve a consideração maxima, que é a homenagem ao saber e à virtude, à intelligencia e ao caracter quando postos, em vida trabalhosa, ao serviço do bem comum!

Só quem pode acompanhar, embora a distancia, os trabalhos preparatorios dêste Congresso, no qual foi preocupação maxima assentar nas regras de caracterização das frutas portuguezas, trabalhos que, partindo de duas exposições fartamente concorridas, puzeram em actividade, de benedictina paciencia, dias e dias, alguns dos melhores alunos do Prof. Rasteiro; só quem respirou a atmosfera de entusiasmo e de intima satisfação que a este punhado de trabalhadores envolveu em tal momento, cuja recordação deve constituir intenso prazer para eles — estou disso certo — em toda a vida, só quem viu mestre e discipulos nos claustros do nobre Mosteiro, improvisados em casas de estudo, como um grupo de cistercienses do velho tempo inteiramente absortos na sua tarefa, para quaisquer outros monotona e enfadonha; só quem teve diante dos olhos esse quadro de uma alta significação espiritual, ou quem, ainda, na imaginação saiba reproduzi-lo (e é o caso dos que se dignam escutar-me) pode na realidade compreender a importancia maxima que entendi attribuir a este episodio no traçado, propositadamente minucioso, do presente estudo biográfico!

Joaquim Rasteiro teve então, ali e nas sessões do Congresso, a prova de quanto era estimado, a medida do acatamento devido às suas opiniões e, insensível como era à vaidade dos mediocres, nem por isso deixaria de registar dentro de si mesmo, como sinais de consagração e de merecido triumpho, aquellos que marcaram esses claros dias da sua existencia.

A prova do que afirmo está naquilo que escreveu no seu ultimo

trabalho, que deve ter sido entregue pouco tempo antes da sua morte e já depois dela, em 1932, veio a publico. Refiro-me à contribuição para o livro "Le Portugal et son activité économique," editado pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros, e ao seu artigo que assina como Director do Instituto intitulado "Les Arbres fruitiers" do qual traduzo esta passagem: "O I. S. de Agronomia forneceu nestes ultimos anos uma pleiade de engenheiros agronomos mais ou menos especializados neste ramo (de arboricultura) ou por ele atraídos: organizaram em 1926 um Congresso de Pomologia que pode ser considerado como o ponto de partida de estudos muito uteis, indispensáveis mesmo, ao progresso da cultura dos frutos. Este Congresso elaborou o método a adotar para estes estudos e criou uma Sociedade Pomologica, encarregada de lhes dar seguimento no futuro." Essa pleiade de técnicos a que alude são por muito obra sua, e obra sua em grande parte, tambem, o Congresso, com o conjunto apreciável de resultados uteis a que chegou: e exactamente porque essas e outras manifestações similares se lhe deveram é que foi um Mestre.

Felizmente a Sociedade Pomologica, de que era presidente nato pode há pouco ainda desempenhar-se da obrigação estatutaria, que era tambem em parte um dever de homenagem a Joaquim Rasteiro, de trazer a publico todos os trabalhos a que deu logar àquele certame, editando os "Arquivos do Congresso". E aqui não deixou um dos seus melhores colaboradores, e o discípulo mais apreciado, de, abrindo a obra, prestar em nome da Pomicultura Nacional, digamos assim, ao técnico ilustre o preito da estima e do reconhecimento a que teve jus.

Esta iniciativa do Congresso Pomologico reconduziu Rasteiro ao contacto da vida agricola associativa; depois da Associação Central onde pontificára no tempo já distante de Oliveira Feijão, outro grande amigo, a Federação dos Sindicatos Agricolas do Centro, a promotora benemérita de este e outros congressos agricolas dos ultimos tempos, solicitara a sua colaboração. E acrescentarei que tambem a Associação dos Horticultores do districto de Lisboa, de que chegou a ser presidente.

De mais, poucos anos antes a sua acção na Sociedade dos Agromomos voltara a ser marcante; foi, por exemplo, do tempo em que presidiu à respectiva direcção que ali se fez, em 1921, o concurso dos viveiristas nacionais, empreendimento que chamou a atenção dos governos para a necessidade instante da fiscalização técnica, e tambem do auxilio oficial, a estes nucleos especializados da nossa produção.

Em 1927 voltamos a vê-lo como congressista, acompanhando os trabalhos do Congresso Agrícola das Caldas da Rainha e entretanto na Escola, neste e no ano seguinte, procura dar seguimento às deliberações assentes no de 26, dedicando-se à caracterização de novos frutos. Prepara também para a Exposição Portuguesa em Sevilha o folheto sobre a agricultura, belamente ilustrado, e redigido com a proficiência de sempre.

*

O Instituto, os seus colegas, tinham de há muito postos os olhos no labor intenso d'este agrônomo que a todos honrava e nas suas excepcionais qualidades; fôra naturalmente o primeiro a reconhecer quão alto ele se elevára e por isso, quando se tornou forçoso, por disposição da lei, substituir na direcção o Prof. Manuel de Sousa da Camara, os sufragios unanimemente o indicaram ao Govêrno como novo Director. E assim, em 25 de Julho de 1929, em seguida a um acto de posse que o categorizado ministro de então, o falecido professor Silva Teles, quizera sublinhar devidamente, Joaquim Rasteiro ascendia ao mais graduado posto da classe agronomica e assumia o encargo pesado da direcção deste Instituto.

Quem nesta altura da vida, que em breve e de surpresa vai fugir-lhe, se demorasse agora em recordar os passos da sua laboriosa existencia, esses mesmos passos que precisamente me preocupei em mostrar aqui quais foram e como foram, havia de reconhecer sem custo estarmos nós em presença de uma trajectoria profissional notavel que ascende aos pontos culminantes com sequencia logica, e sem a menor quebra das virtudes fundamentais.

Esta marcha ascencional a traduzi no artigo que tracei para o "AGROS, por estas palavras "... tudo isto se foi realisando com serenidade e consciencia, sem precipilações, nem atropelos, sem a manifestação pobre de mesquinhos sentimentos: pelo que, chegado o bom caminheiro ao termo da subida, sem hesitações, e antes com inteira firmeza, poudo encarar o presente e as suas responsabilidades maiores, tranquilo, forte e animoso como sempre,!

Pouco tempo poudo Joaquim Rasteiro servir a Escola no seu alto posto de comando, mas (todos nós aqui, docentes e discentes, o sentimos) nesse pouco tempo jámais deixou de honrar, nos actos internos como nos externos, a nobre e difficil posição. Nós o tinhamos escolhido; provou-nos à sociedade que haviamos escolhido bem. Foi de facto animoso, austero e bom; lutou pela Escola com o entusiasmo

dos seus dias melhores; e soube dizer, onde foi preciso, as palavras necessárias que chamassem sobre o Instituto aquela simpatia sem a qual este não pôde dignamente viver.

No seu relatório anual de 1930, dirigindo-se ao Governo aqui largamente representado, incluiu algumas expressivas passagens em que se queixa da insuficiência dos nossos recursos. "É uma indignidade para o profissional ser obrigado a cristalisar num periodo atrazado da sciencia... É como o nauta dos outros tempos obrigado a andar ao paio em arvore sêca, à vista das paragens deslumbrantes e ricas a que desejava em vão aportar...". "O lume, convençam-se todos, tem que ser ateado; não pôde continuar a ser uma chama morticia que mal se vê e mal aquece.". E termina exclamando: "Oxalá que, quanto aqui digo... não caia em cêsto rôto.". Assim mesmo!; pois que entendia como o Padre Antonio Vieira — que ele mesmo cita algures — que "não heide pedir pedindo, senão protestando e argumentando, pois esta é a licença e a liberdade que tem quem não pede favor, senão justiça..".

Ora, da integridade do cesto não sei eu, nem me cumpre dizer: o que sei, e melhor o sabe ainda o meu colega Director, é que, em matéria de navegação... continuamos no inicio de cada ano a fazer-nos de rumo ao Cabo da Bôa Esperança, para nunca passarmos no final... do Cabo das Tormentas! E todavia, quando hoje se celebra o esforço da lavoura portugueza, levado a efeito na passada campanha, cumpre meditar no que tem de estável e de definitivo o exito alcançado. Dessa meditação deve resultar a convicção profunda de que o progresso, significando conquista duradoira, só o conseguirá essa lavoura quando progresso identico o tenha conseguido a agronomia nacional. E nesta altura lembrarei, uma vez mais, que é aqui dentro, intra-muros desta Escola e pela dotação generosa das suas diversas instalações, que em grande parte reside o segredo dêsse progresso, o qual todos apeteçemos, mas não é natural venha a ser para nós, como o não tem sido para os outros... um milagre do céu!!

* * *

Minhas Senhoras e Meus Senhores: a minha tarefa está nesta altura praticamente finda. Bem ou mal acabo de seguir a caminhãda de Joaquim Pedro d'Assunção Rasteiro, agronomo, pela vida, cingindo-a de muito perto, quãsi de passo a passo, e isto assim mesmo porque me lembrei que nesta sala haveria de encontrar maioria de novos, aos quais convinha tornar bem evidente o que pode ser uma existencia carregada

de trabalho, modelada com elegancia e nobreza, e em termos de servir a todos como proveitoso exemplo.

Daqui ao final permitir-me-ei algumas evocações apenas, que vou buscar ao sentimento mais que à razão e a esse tesouro de recordações, que em maior ou menor grau todos temos, e aliás usamos guardar avaramente, e com acerto, da luz crua da publicidade.

Aqueles que na manhã de 4 de Maio de 1931 foram os primeiros a chegar ao Instituto, para a tarefa quotidiana, receberam de chofre a noticia de que morrera durante a noite o nosso chefe, o director estimado de todos nós. E em breve o pavilhão com a aguia simbólica, os frutos pendendo da possante envergadura, que ele tanto gostava de ver flutuando ao vento, marcava na fachada o luto da sua Escola, desta Escola que lhe ficava devendo algumas das suas datas mais honrosas, a par das provas, aos olhos de todos evidentes, de uma infatigável e util dedicação.

Esta morte que assim nos arrancava do posto do comando o mais categorizado de entre nós, fazia recordar esse outro desaparecimento de Verissimo d'Almeida, o ultimo director que perdemos ainda no velho Instituto, e que foi a figura culminante da sciencia agronómica portugueza na entrada dêste século. Quantos traços de afinidade entre êstes dois homens, integros, devotados, sabedores, amigos de fazer bem; mas que sensação diversa nos deixava o vasio comum destas duas faltas! Verissimo d'Almeida, sob o pezo dos anos, vivia para a Escola, como bem disse o estudante que junto ao tumulo veio falar em nome dos demais, quasi tornado numa figura simbólica, o simbolo do dever integralmente cumprido; era nos ultimos dias a sua passagem nos velhos corredores, e no seu mal apetrechado laboratório, como que a passagem de uma sombra; lívido, exangue, a todo o momento parecia despedir-se, para sempre, de nós. Se a sua morte deixou em todos saudade vivissima, não surpreendeu ninguem; e tudo em nós era recordar, após o passamento, o muito que ele fizera na sua vida de cidadão, prestante como aqueles que melhor o foram.

Com Joaquim Rasteiro porém a surpresa veio traiçoeira carregar inexoravelmente sôbre os nossos hombros, vergados pelo desgosto de perdê-lo. E nenhum de nós, pensando na Escola, podia agora limitar-se a rememorar tão sómente aquilo que por ela havia feito, se não tambem nos assediava a mágua pelos futuros benefícios, mais que certos, assim perdidos com esta morte prematura, que, estando o nosso colega em boa actividade, de súbito o prostrára.

Redobrada razão para sentir, como sentimos todos, a sua falta, e isto mesmo sem dar aqui guarida, como convém, à amizade ferida e aos seus queixumes; que trazer uma e outros ao contacto do publico assume, a meus olhos, como que o aspecto de uma profanação!

Logo se soube que na terra natal, nesse pequeno cemitério da aldeia é que iria dormir Rasteiro, bem se percebe porquê, o seu derradeiro sôno. É um outro pequeno mundo de recordações agora nos envolvia ao enquadrar-se no meio rustico, senhoril por traços, e belo sempre, da sua querida vila de Azeitão, a figura máscula, simples, transbordando bonhomia e quietitude interior, daquelle que fôra ali uma perfeita encarnação das virtudes campestres, do amor forte da natureza, como que a sublimação do que existe de melhor na alma singela do nosso camponês antigo!

Toda a vida em acção ou no pensamento ali presa, sofrendo o influxo do torrão privilegiado, os ócios habituais, os raros ensejos de furtar-se ao trato fatigante da cidade, ali passados sofregamente!

Quão pronto se disporia êle a subscrever, gabando esta terra, o que da vizinha Arrabida dissera o fundador do pequeno convento «que por suas incomparáveis belezas, se não estava no céu, estava nos seus arrabaldes»!

A região inteira era-lhe objecto de um culto, filhando raizes no passado, culto que havia de entretecer-se com esse outro que, respeitoso, prestava à memória paterna. Joaquim Rasteiro Pai, ali nascido e ali tendo vivido sempre, deixára obra de historiador regional competente, de erudito, e assinalára a sua existencia pela feição artistica da cultura. Tudo isto fôra integralmente herdado e uma perfeita identidade de gostos havia-de continuar, de pai a filho, uma honrosa tradição.

De lamentar é que não tenha nunca, pelo menos de meu conhecimento, podido realizar Joaquim Rasteiro o seu intuito de escrever essa monografia completa da região que lhe foi berço, como muito desejava aliás fazer.

O seu artigo interessantíssimo do "AGROS", de 1918, «Uma visita a Azeitão» e a colaboração que sôbre o mesmo lêma e sôbre a Arrabida deu ao "Guia de Portugal", editado pela Bibliotéca Nacional de Lisboa, são o repositório vindo a publico que atesta o valor dos seus estudos e da sua documentação neste campo em que, bem se sente ao lê-lo, caminhava sempre num estado de suave encantamento.

Atmosfera mais propicia para conhecer-lhe a fibra afectiva e toda a bondade da sua alma, não haveria outra assim!

Na revista dos estudantes escrevi tambem: «Se no seu gabinete

de trabalho, espécie de cela de monge letrado e artista, de belo estilo, entre os livros e objectos preferidos, as horas lhe decorreram suaves e produtivas para o labôr especulativo, creio bem que tão só na sua quinta, e na perfeita comunhão com o viver campestre, completamente se expandiu a sua personalidade, e êle foi, enquanto poudê sê-lo, verdadeiramente feliz.

Da riqueza desta personalidade está dito o bastante; e afinal é ainda Joaquim Rasteiro o próprio a defini-la, sem dar por isso, quando nos fala dos amigos que perdeu, de Menezes Pimentel, de Oliveira Feijão, e nêles exalta, como fundamentais, as virtudes e as qualidades com que era formada a sua excelente estrutura intelectual e moral.

È significativo que dessas qualidades use Rasteiro destacar a sinceridade, impressa em todos os actos da vida; e bem pode afirmar-se ter sido este traço que vinca mais profundamente na sua existencia.

Talvez que por isso mesmo, nessa tarde agreste em que nós, os da cidade, nos fomos juntar aos da aldeia, para o cumprimento de um dever social tantas vezes vazio de significado, foi essa sinceridade perfeita que pairou, limpida, sôbre nós e fez dar expressão condigna ao acto fúnebre que, por uma vez, a todos ali congregou!

* * *

Minhas Senhoras e Meus Senhores: é mais que tempo de terminar, mas não quere a missão que me confiaram, nem consente a memória de Joaquim Rasteiro, que foi homem penetrado da alegria de viver, e que a seu modo vibrou de um entusiasmo forte, que assuma a minha despedida o aspecto confrangedor de um dobre a finados.

E' justamente ao entusiasmo de Rasteiro que irei buscar o remate adequado e que mais se harmonisa com o aspecto educativo da minha missão. Aos novos me dirijo, aqui presentes; agrónomos de fresca data, simples estudantes. Oçam ainda estas palavras do Prof. Rasteiro, quente exortação com que rematou uma das suas substanciosas conferencias: "E para vós... alunos do Instituto... para vós apelo com a fé no que afirmo e com a confiança na vossa mocidade, que quer dizer força, enthusiasmo e sinceridade de propositos. Com a alegria nos olhos, a bôa doutrina nos lãbios, caminhaí por êsse Portugal fóra e evangelisai esta santa religião da luz, do dever e do trabalho. Ensinai a produzir bem, a converter os maninhos em hortas, os matos em pomares, a cabana em lar confortável onde se aninhe a paz, o bem estar e a saude!"

Aqueles que então o ouviram ei-los agora dispersos em seu trabalho; outros vieram; outros virão. O evangelho, êsse, é na essência sempre o mesmo, e a mesma a obrigação dos filhos desta casa de espalhá-lo aos quatro ventos sôbre a terra da Pátria.

Oiça-se a exhortação do Prof. Rasteiro e cumpra-se hoje, amanhã e sempre o que essa exhortação nos diz!

Também aqui dentro, gente moça que me escuta, também aqui dentro pode dizer-se que os «mortos mandam»; alguns dos nossos mortos, os eleitos da nossa intelligencia e do nosso coração; e à dignidade de todos nós pertence obedecer-lhes!

Ora, Joaquim Rasteiro, o homenageado desta tarde, é um dêsses eleitos; reconhece-lhe o nosso consenso unanime, para além da morte, o raro direito de mandar que já em vida teve!

Disse.

